

## NOBREZA NEGRA EM *BRIDGERTON*: UMA ANÁLISE SOBRE CONSUMO DA IMAGEM NEGRA A PARTIR DE COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS

HENRIQUE FERREIRA DA SILVA

Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil

IARA TATIANA BONIN

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

---

RESUMO: A produção cultural *Bridgerton*, lançada pela Netflix em 2020, colocou em seu elenco atores negros em papéis nobres, constituindo um tipo de representação ambivalente que mobiliza e divide opiniões de internautas. À vista disso, o objetivo principal do presente artigo é discutir algumas formas de controle e de consumo da imagem do negro, tomando como materialidade empírica um conjunto de comentários feitos por internautas e postados no portal de notícias Mundo Negro, local virtual onde são mobilizadas pautas antirracistas. A metodologia envolve a análise cultural de 70 comentários, correspondentes à totalidade de postagens existentes abaixo de uma matéria jornalística sobre a série *Bridgerton*. A discussão respalda-se em conceitos como os de representação (Hall, 2016), imagens de controle (Collins, 2016) e negrofilia (Archer-Straw, 2000) e permite entender como os internautas reagem às posições construídas para os personagens negros na série.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias; Consumo Cultural; Negrofilia; Imagens de Controle.

---

### INTRODUÇÃO

*Bridgerton*, a série ficcional inspirada em *best-sellers* de Julia Quinn, produzida pela Netflix e lançada em 2020, tornou-se um fenômeno de audiência, alcançando notoriedade em todo o mundo. Em uma analogia bem-humorada, Julie Taddeo (2023, p. 3) afirma que “a série de TV foi imediatamente aclamada como ‘a xícara de chá perfeita’ para nos ajudar nos momentos mais sombrios da pandemia de COVID-19”<sup>1</sup>. Como um drama romântico ficcionalizando o mercado matrimonial da Regência, *Bridgerton* “mergulha no mundo sensual, luxuoso e competitivo da alta sociedade londrina do início do século 19”. No centro da narrativa, está a família que dá nome à produção cultural, composta por oito irmãos que buscam afirmar sua posição social por meio de casamentos bem-sucedidos. A produção, assinada pela produtora Shondaland, com roteiro de Shonda Rhimes, recebeu 12 indicações ao Emmy<sup>2</sup> e, em 2021, teve 625,49 milhões de horas visualizadas nas primeiras quatro semanas de exibição e números ainda mais significativos na segunda temporada (Davies-Evitt, 2022).

Uma das características mais destacadas (e contestadas) por internautas em relação à história narrada diz respeito à representação de uma realeza negra, localizada ficcionalmente na corte inglesa do início do século XIX. Por meio desta representação, desafia-se, de certo modo, a construção consolidada – no contexto midiático – de corpo negro ocupando lugares de subordinação. Conforme argumenta Stuart Hall (2016), a

representação cultural tem um papel central na produção de sentidos, e, em diferentes mídias, dinamizam-se repertórios representacionais calcados, não poucas vezes, em estereótipos raciais. No interior desses repertórios, consolidam-se noções frágeis da estereotipia que captura negros em posições de subalternidade (Collins, 2016). No entanto, é também no jogo das representações que alguns estereótipos são problematizados, revertidos e/ou contestados.

A ausência de debate sobre questões raciais na série e a presumida falta de correspondência da trama narrativa com referentes históricos são discutidas por internautas em espaços de compartilhamento de mensagens em diferentes redes sociais. Em matéria publicada no portal Mundo Negro em 6 de janeiro de 2021<sup>3</sup>, indica-se que “a série chamou a atenção dos telespectadores por ter atores negros representando nobres europeus no século XIX”. No texto jornalístico, afirma-se que a personagem Rainha Charlotte (interpretada pela atriz negra Golda Rosheuvel) performa, no plano da ficção, uma ascensão revolucionária ao trono, não possibilitada a pessoas negras no plano histórico. Sublinha-se, no mesmo texto, certo descontentamento de partes do público ao se deparar com a imagem de uma nobreza londrina racialmente marcada e, ao mesmo tempo, descompromissada com a crítica a desigualdades e racismos no tempo ficcionalmente reconstituído.

Considerando a produtividade dos debates em torno do tema, no presente texto, o objetivo principal é discutir algumas formas de controle e de consumo da imagem do negro, tomando como materialidade empírica um conjunto de comentários feitos por internautas e postados no portal de notícias Mundo Negro. Entende-se que nas postagens ocorrem posicionamentos, negociações e enfrentamentos que colaboram para a constituição, atualização e contestação de significados. É por meio dos repertórios compartilhados e das pedagogias culturais de nosso tempo que aprendemos a pensar quem são e como são os sujeitos, quais são seus lugares, o que lhes compete ou o que lhes cai bem. Porém, esses conjuntos de significados não são fixos, tampouco estáveis ou definitivos: eles dependem das contínuas lutas pela representação travadas em circunstâncias específicas e a partir de posições assimétricas de poder.

Do ponto de vista metodológico, realiza-se uma análise cultural, um modo de abordagem alicerçado no campo teórico dos Estudos Culturais que, neste texto, é apresentado a partir de autores como Williams (2003), Giroux (2003) e Costa (2010). Para a análise proposta, foram considerados 70 comentários postados abaixo da matéria intitulada “Bridgerton: Série de época com negros em papel de nobres, bate recordes de audiência”<sup>4</sup>, assinada por Gabrielly Ferraz e publicada no portal Mundo Negro em 6 de janeiro de 2021, o que corresponde a 100% das postagens disponíveis. A escolha das reações de internautas nesse portal de notícias – voltado para a comunidade negra brasileira, com uma linha editorial pautada em uma agenda positiva – relaciona-se ao propósito de rastrear as discussões sobre a série em um espaço declaradamente antirracista, no qual o apelo a estereótipos é, até certo ponto, regulado.

## REPRESENTAÇÕES, ESTEREÓTIPOS E NEGROFILIA: O NÚCLEO NEGRO DE *BRIDGERTON*

A discussão sobre representações de personagens negros em *Bridgerton* abre margem para pensar sobre os regimes de racialização dos corpos (Hall, 2016) e sobre produções que ora contestam, ora reforçam lugares sociais imaginados. O conjunto de representações que fixam os corpos negros em lugares subalternizados localiza-se em um regime de opressão marcado pela branquitude e pelo racismo. As considerações do autor são frutíferas para pensar os regimes racializados de representação, notadamente quando são mobilizadas as estratégias de narrar por estereótipos, o que aprisiona os significados em estruturas fixas e imutáveis, entendidas como atributos naturais.

Na série, a presença de personagens negros em posição de poder não é problemática, e essas aparições “pouco convencionais” têm dado o que falar no ambiente digital, especialmente quando as notícias sobre a série abrem possibilidades para a participação dos internautas por meio de postagem de comentários. No contexto narrativo da série *Bridgerton*, as pautas e lutas antirracistas não são levantadas, o que, conforme Santos (2019), constitui uma porta para o consumo do “exótico mundo negro”, em favor de uma celebrativa e a-histórica compreensão de diversidade. O consumo cultural do outro-negro é problematizado pelo referido autor a partir do emprego do conceito de negrofilia, “termo usado para explicar o consumo do corpo negro e de aspectos da negritude realizado por sujeitos brancos, que não reconhecem os privilégios de branquitude deles” (Santos, 2019, p. 941).

O conceito oportuniza pensar em como histórias, memórias e corpos negros são intencionalmente apresentados, regulados e consumidos, em um movimento que colabora para a diversificação de imagens, mensagens, tramas e cenários narrativos, mas sem que ocorram, na maioria dos casos, aberturas para uma crítica ao silenciamento histórico e aos privilégios da branquitude. Ademais, o autor afirma que “[...] negrofilia é o consumo da história, da cultura e do corpo do negro para responder às críticas do politicamente correto, sem abrir mão dos privilégios da branquitude” (Santos, 2019, p. 945).

Pensando na historicidade das imagens de negros em filmes comerciais, convém mencionar que as práticas culturais de “consumo do outro” não são recentes, tal como argumenta Hall (2016) ao analisar a produção e circulação de imagens racializadas no cinema estadunidense. No contexto de tais produções, o autor examina a constituição de cinco principais estereótipos: os “*toms*”, que seriam os personagens negros vitimados pela escravização e segregação racial, caçados, perseguidos por cães, açoitados, insultados e, ainda assim, cordiais, generosos, benevolentes, sem nunca se voltarem contra os brancos; os “*coons*”, que corresponderiam a personagens secundários, sem relevância, com feições degradantes e caráter duvidoso; a “trágica mulata”, que corresponderia, a um só tempo, ao imaginário de branqueamento e à estratégia de desumanização configurada na hipersexualização do corpo, mas marcada pelo fim trágico que interdita sua humanização completa; as “*mammies*”, que metaforizam a subserviência no espaço doméstico e a resistência não ostensiva; e, por fim, os “*Bad Bucks*”, personagens de porte físico avantajado, hipersexualizados e, ao mesmo tempo, vistos como perigosos (em especial, em contraponto aos homens brancos).

Para Hall (2016, p. 179), “tem havido muitos desvios e curvas nas formas como a experiência negra tem sido representada no cinema”. Nos anos 1930, atores negros figuravam em filmes convencionais, mas em papéis subordinados e de pouca relevância na trama. Nos anos 1940, ganharam visibilidade os musicais e a presença de apresentadores negros no cinema. Já nos anos 1950, os filmes começam a apresentar conflitos oriundos da “raça” como problema, porém, conforme Hall, sob uma perspectiva primordialmente liberal branca. Naquele contexto, destaca-se, por exemplo, a atuação de Sidney Poitier. Figura chave na construção de uma perspectiva crítica do lugar subjugado dos negros nas produções fílmicas, foi considerado como referencial porque escapava ao que compunha os estereótipos de negros em filmes da época, dando vida a personagens educados, inteligentes, de hábitos confiáveis, moral conservadora, fala correta e boas maneiras à mesa. Em outras palavras, corporificava o ideal de integração pacífica, dócil, flexível e subordinada – “o sonho perfeito para os liberais brancos ansiosos por ter um homem de cor à mesa” (Hall, 2016, p. 180).

Os anos 1980 e 1990 foram marcados pelo colapso do sonho integracionista na sociedade estadunidense; pela expansão dos guetos e da pobreza a que foram relegadas as pessoas negras; pela intensificação de lutas por direitos e por respeito pelas identidades e culturas negras; pela difusão maciça da música negra; pela presença ampla de atores e diretores negros no cinema. Estas e outras condições históricas contribuem para a constituição de outras formas de representar a presença negra e, em especial, para dar relevo à reivindicação do direito de produzir representações de si, em uma histórica luta pela imagem e pelo significado<sup>5</sup>. Assim, raça e racismo passam a integrar os temas mais significativos na vida e na arte. Os aspectos históricos mencionados são um recorte parcial de movimentos amplos, mas servem para indicar que há lutas em torno do consumo da imagem e da representação do negro no cinema, ao lado de um intenso movimento no que se refere à representatividade e às políticas representacionais.

Quanto às representações apresentadas em *Bridgerton*, embora se trate de uma série inglesa, entende-se que nela operam regimes racializados de representação, instituídos por um viés eurocêntrico, nos quais se consolida a noção de humanidade plena inscrita em um corpo branco.

## **METODOLOGIA DO ESTUDO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO**

Na atualidade, a Internet tem funcionado como espaço agregador que oportuniza a circulação de certas narrativas de grupo, seja por meio da adesão a determinadas práticas, seja pela modulação algorítmica, que nos enquadra e nos oferece um tipo de conteúdo. Fausto Neto (2018) avalia que a Internet põe em trânsito lógicas individuais que se entrelaçam na produção e distribuição de sentidos compartilhados. Por outro lado, conforme Rocha e Alves (2010), a Internet tem um diferencial, a partir de um viés de protagonismo social, no qual as pessoas passaram a ser agentes ativos na construção e compartilhamento de experiências e ideias. Nesse sentido, o portal Mundo Negro pode ser pensado como espaço onde certos grupos sociais compartilham seus posicionamentos. No ar desde 2001, o portal de notícias está “[...] voltado para a

comunidade negra brasileira e demais etnias que se interessem pelos assuntos relacionados à cultura e ao cotidiano dos negros no Brasil e no mundo<sup>6</sup>, conforme se explicita no próprio portal. A linha editorial do portal propõe a visibilização de uma agenda positiva, reverberando demandas de segmentos de comunidades negras.<sup>7</sup>

As análises apresentadas neste artigo têm como ponto de partida postagens feitas por internautas na parte destinada aos comentários sobre a matéria em foco. Logo abaixo da matéria, até o momento da escrita deste texto, havia 70 comentários de internautas sobre a série, total que foi considerado para a composição do material empírico deste estudo. No tratamento analítico, alguns foram selecionados para integrar o texto por condensarem, de certo modo, linhas argumentativas.

Realiza-se, então, uma análise cultural interessada em entender como determinados repertórios representacionais são mobilizados por internautas ao comentarem ou contraporem comentários sobre a série *Bridgerton*. A partir dos estudos de Williams (2003), Giroux (2003) e Costa (2010), entende-se a análise cultural como um procedimento que toma a cultura, como elemento central e constitutivo daquilo que pensamos que as coisas são. É na e pela cultura que se produzem representações e formas de regulação dos significados, como também lutas para contestar e reverter estereótipos e para instituir outras formas de representação. Realizar uma análise cultural significa reconhecer o caráter histórico, conjuntural e nunca definitivo do significado e, portanto, o potencial de manutenção, transgressão e mudança cultural que marca todo processo comunicativo (Costa, 2010). Nesse tipo de análise, empreende-se uma tentativa de entender como se estabelecem relações entre poderes, saberes e sujeitos assimetricamente posicionados. Tem-se, pois, como perspectiva, a articulação complexa dessas muitas relações (Williams, 2003).

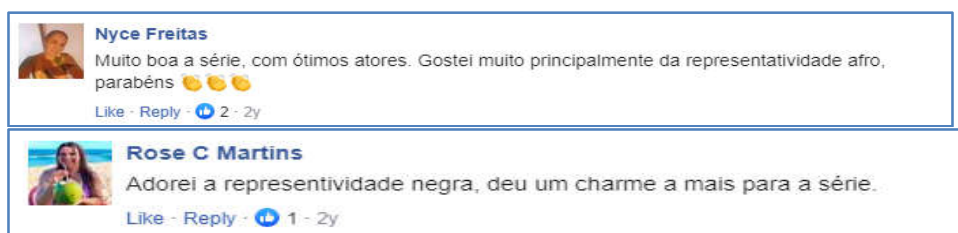
No recorte pensado para este texto, convém considerar as características do artefato no qual as postagens analisadas se imprimem. Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, que orienta o estudo, as postagens não são pensadas como expressões de um pensamento individual, e sim como construções históricas e culturais coletivas que emolduram um pensamento possível nos contextos vividos pelas pessoas. Entende-se que o terreno da cultura seria, como argumenta Hall (2003, p. 255), “[...] uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas”. As mídias/redes sociais, como materialidades onde circulam informações (Recuero, 2012), são também espaços relevantes para uma análise de como se produzem, se propagam e se disputam os significados.

Tendo isso em vista, compreende-se que as discussões realizadas por internautas no *site* Mundo Negro sobre os personagens negros em *Bridgerton* não configuram um campo de batalha onde se opõem frontalmente posições racistas e antirracistas, mas um espaço comum onde são performadas pautas antirracistas, com diferentes perspectivas e estratégias pensadas como legítimas para contestar e reverter estereótipos, a fim de romper silenciamentos e impulsionar lutas contra o racismo. As discussões que se seguem organizam, em chave analítica, os significados constituídos e mobilizados em comentários de internautas em duas direções principais: representações celebrativas da presença negra na série e críticas ao consumo da imagem negra.

### “UMA SOCIEDADE ONDE O QUE IMPORTA É O AMOR”: REPRESENTAÇÕES CELEBRATIVAS DA PRESENÇA NEGRA EM *BRIDGERTON*

Os comentários selecionados nesta seção conformam representações que, como o título sinaliza, são celebrativas. Elas celebram a presença negra e o consumo positivo da imagem negra em lugares de poder. Nesse sentido, destacam-se duas postagens:

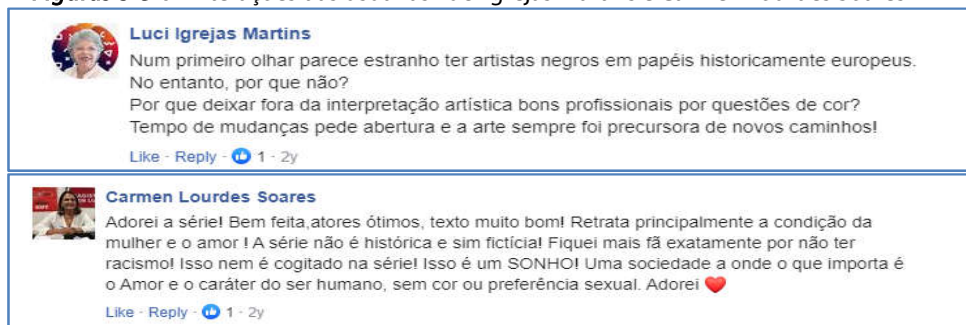
**Figuras 1 e 2** – Interações das usuárias Nyce Freitas e Rose Martins



Fonte: Portal Mundo Negro (<https://mundonegro.inf.br/>).

Por representatividade afro, na primeira postagem, a internauta entende a mera inserção de atores e atrizes negros como personagens da série. Não se problematiza, assim, como essa inserção se realiza, e celebra-se o fato de poder ver corpos negros ocupando espaço na tela. Na Figura 2, a internauta menciona o “charme a mais”, cujo sentido é mantido no campo das ambiguidades: é possível pensar em algum exotismo, em erotização de personagens ou mesmo na manutenção de estruturas narrativas calcadas na branquitude, porém incluindo um toque, um traço, um charme a mais, ao diversificarem-se os corpos em cena. Outras duas internautas comentam:

**Figuras 3 e 4** - Interações das usuárias Luci Igrejas Martins e Carmen Lourdes Soares



Fonte: Portal Mundo Negro (<https://mundonegro.inf.br/>).

Interessante observar que, nos comentários em destaque, por um lado, se afirma a conveniência de ter atores negros interpretando papéis historicamente europeus, em uma reversão que alcança os corpos, mas não as histórias narradas. Por

outro lado, no comentário da Figura 4, observa-se a tematização da mulher e do amor, mas as tensões do lugar social atribuído a ela são ignoradas. No espaço ficcional da nobreza, o casamento é um negócio e a mulher é constituída como sujeito de sedução e objeto de desejo, assumindo, por acréscimo, a responsabilidade pela manutenção ou recuperação de patrimônios. Ainda assim, a internauta ressalta o sonho dessa sociedade onde “o que importa é o amor”.

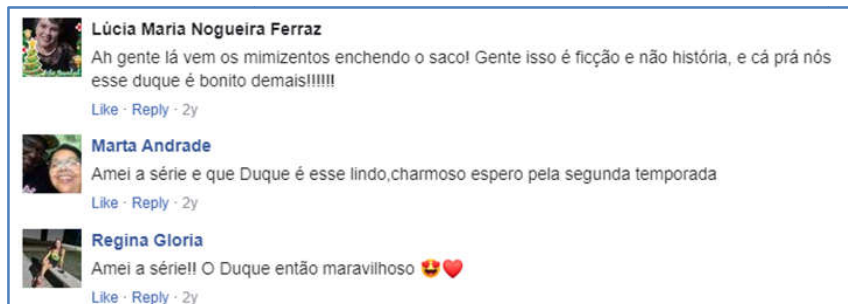
Nesses e em outros comentários, sobressai o sentido celebrativo da presença de corpos negros, como se suas existências fossem simétricas com as dos brancos e como se a invisibilização ou a subordinação de tais existências não fosse ativamente produzida como forma de manutenção dos privilégios da branquitude. A naturalização das diferenças – muitas vezes vistas sem tensão ou problematização das assimetrias de poder – parece ser um dos efeitos na propagação de perspectivas multiculturalistas.

Silveira, Bonin e Ripoll (2012, p. 101) argumentam que, “contemporaneamente, os discursos multiculturais produzem, como tendência geral, uma positivação das diferenças, tomadas como essenciais, autorreferenciais, com valor em si mesmas”. Na esteira desses discursos, adquire notoriedade o termo *diversidade*, legado de tradições colonialistas ou relativistas que se aproximam de discursos liberais. A afirmação da diversidade está ancorada em um entendimento de culturas como totalidades, sendo útil para a produção e atualização de uma identidade comum em que supostamente estão conciliadas as diferentes posições de sujeito. Ocorre que a mera celebração da diversidade não coloca em questão as relações de poder e saber que posicionam e hierarquizam as diferenças; no mais das vezes, essa celebração opera uma visão utilitária e funcional da pluralidade de posições às quais somos conformados e/ou aderimos. Há, então, uma pedagogia que ensina a valorizar a diversidade, mas seu sentido constitui um amplo campo de práticas e de entendimentos que às vezes desconsidera os contextos de desigualdades sociais e étnico-raciais.

Nessa perspectiva, as postagens que celebram a presença negra no enredo da série, mas não localizam tensões nessa forma de representar, alinham-se a uma pedagogia da diversidade. A partir dela, assume-se que há desigualdade, por exemplo, no que tange à presença negra nas telas de televisão, no cinema e em outras produções audiovisuais de largo alcance, mas a ação de inserir atores negros não é capaz, por si só, de reverter a invisibilidade e a subordinação da presença negra.

Além da abordagem celebrativa da diversidade que se delinea em alguns comentários, outra representação que pode ser problematizada é a que se alinha à objetificação do corpo e da imagem negra, presente em postagens que tecem elogios ao ator Jean-Pagé, que interpreta o Duque de Hastings. Embora a objetificação não seja um elemento explícito, é possível dizer que os sentidos de alguns textos deslizam e, ao mencionar o ator ou o personagem ficcional, põem em relevo sua beleza e charme, como na sequência em destaque:

**Figura 5** - Interações das usuárias Lúcia Maria Nogueira Ferraz, Marta Andrade e Regina Gloria



Fonte: Portal Mundo Negro (<https://mundonegro.inf.br/>).

Lidos no conjunto, os comentários enaltecem a beleza do personagem Duque, o que substitui, de certa forma, o elogio possível à atuação destacada do ator. O emprego de “emojis” (ideogramas de mensagens eletrônicas) reforça o sentido de aprovação e mesmo de admiração explicitado no corpo da mensagem. A beleza e o charme, como traços definidores do personagem – e, neste caso, de um personagem negro –, remetem ao sentido de objetificação e, ao mesmo tempo, ao fetiche pelo exótico, que caracterizam o racismo.

Retomando escritos de Collins (2016) sobre imagens de controle, observa-se que, em alguma medida, a presença negra na série é mantida dentro de determinados quadros representacionais e, assim, permanece sob controle. Conforme explica a autora, as imagens de controle fazem parte de uma lógica de dominação generalizante que opera a partir das disparidades de poder. Tais imagens – externamente definidas e controladoras – estabelecem e buscam fixar lugares sociais possíveis, regulam as formas de conduta e definem o que seria aceitável ou desejável para cada sujeito. Também segundo Collins, as imagens de controle são justificativas ideológicas por meio das quais se pretende resguardar a continuidade de sistemas de dominação racistas e sexistas; elas são estratégicas para a manutenção da representação por estereotipia, da desumanização, da violência, da subordinação aos padrões sociais, morais e corporais da branquitude.

Neste texto, indaga-se sobre as imagens de controle que emergem em comentários a partir da produção cultural que traz para a cena personagens negros como parte da realeza e da nobreza londrina. A análise indicou que se estabelecem pelo menos duas dessas imagens. A primeira diz respeito à erotização da representação de corpos negros, aspecto amplamente problematizado por Hall (2016), Collins (2016) e Kilomba (2019), entre outros. Especificamente em relação aos comentários em discussão, por um lado, a exacerbação da beleza parece contrapor o estereótipo por meio do qual, historicamente, se associaram o par corpo branco/beleza e o seu oposto binário corpo negro/feiura. Por outro lado, as cenas da série reforçam o apelo erotizado e a hipersexualização do corpo negro, que se converte em objeto de desejo, aspecto reforçado por alguns comentários. De todo modo, ao celebrar-se a presença negra na



série *Bridgerton* pelo referente principal da beleza e do charme do personagem Duque de Hastings, respalda-se o sentido de corpo objetificado e enaltecido por atributos de beleza e sedução.

A segunda imagem de controle mobilizada em comentários e fortemente assinalada na série tem relação com o deslocamento do corpo negro para um contexto ficcional em que as culturas, histórias e memórias negras não são acolhidas. Não se trata, aqui, de problematizar a escolha de atores negros para dar vida a personagens centrais da realza, como a Rainha Charlotte, e sim o fato de que, na série, as relações raciais são invisibilizadas e os corpos negros são reposicionados em redes de comportamentos, atitudes e relações em conformidade com moldes da branquitude – tem-se, assim, atores negros dando vida a personagens sem historicidade, memória ou ancestralidade. De certa maneira, embora se trate de uma produção cultural sem pretensões de verossimilhança com o que seria “a realidade” da corte inglesa do século XIX, há que se considerarem os efeitos de sentido e como essa imagem reforça um ideal branco e promove a subordinação aos padrões sociais, morais e corporais da branquitude.

Destacam-se, a seguir, embates quanto aos significados do protagonismo negro na série *Bridgerton* em sequências de comentários e réplicas de internautas:

**Figuras 6, 7 e 8** - Interações das usuárias Valdete Ribeiro. Muni Pereira Giuzio e conscientism conscientismo



The figure consists of three vertically stacked screenshots of social media interactions. Each screenshot shows a user's profile picture, name, and comment, followed by a reply from a user named 'Conscientism Conscientismo'.  
1. The first screenshot shows a comment by 'Vandete Ribeiro' praising the series and mentioning 'Negros lindos'. The reply from 'Conscientism Conscientismo' discusses the discomfort of Black people being valued only as white.  
2. The second screenshot shows a comment by 'Muni Pereira Giuzio' praising the series for its ethnic diversity. The reply from 'Conscientism Conscientismo' argues that diversity should be seen in Black culture, not just in the skin color of actors.  
3. The third screenshot shows a reply from 'Conscientism Conscientismo' criticizing the production for wanting to be white, arguing that whiteness has dominated and that Black culture is being erased.

Fonte: Portal Mundo Negro (<https://mundonegro.inf.br/>).

Nas sequências em destaque, observa-se, por um lado, a celebração da presença negra no elenco como positividade e, por outro, a contestação feita por um internauta a essa inserção desterritorializada em relação ao conjunto de práticas culturais e à ancestralidade negra. Ele argumenta que o deslocamento promovido – para dentro de uma narrativa que embranquece os gestos, as práticas, a historicidade – esvazia os sentidos da presença negra. O internauta contesta, assim, um tipo de integração de negros ao elenco que contempla a cor da pele, mas não reverbera nas ações da narrativa. Por fim, ele avalia que esse tipo de presença controlada reforça “que o legal é ser branco”, silenciando as existências negras, aspecto que vincula tais escolhas a estratégias mercadológicas, uma vez que “ver negro vivendo numa cultura negra não vende”.

Retomando a perspectiva histórica de Hall (2016) sobre a inserção de atores negros no cinema, salienta-se a ambiguidade de uma presença que pode configurar um tipo de estratégia integracionista, como a adotada no cinema estadunidense, por meio da qual “os negros poderiam entrar para o *mainstream* – mas só à custa de se adaptarem à imagem que os brancos tinham deles e de assimilarem as normas de estilo, aparência e comportamento dos brancos” (Ibid., p. 212). A mobilização dessa posição ambígua para negros, na série, é problemática, e observa-se, ainda, a permanência de algumas imagens de controle. Mesmo que se promova a inserção dos corpos negros em posições de poder, desenquadradas dos aparatos de servidão que restringem os corpos negros e impossibilitam a construção de significados mais amplos (Hall, 2016). Na série *Bridgerton*, o núcleo negro está sob controle a partir de um lugar de nobreza que constrange os personagens a estilos e padrões brancos.

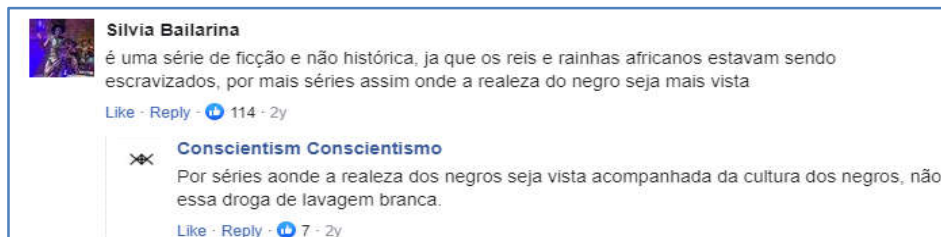
#### **“É QUE NARCISO ACHA FEIO O QUE NÃO É ESPELHO”: NEGROFILIA E O CONSUMO DO OUTRO-NEGRO PELA BRANQUITUDE**

Nesta seção, mobiliza-se o conceito de negrofilia (apresentado anteriormente) para seguir problematizando a imagem negra na série e o consumo dessa imagem integrada a padrões da branquitude. Para esta discussão, entende-se branquitude a partir de Bento (2014), que a vê como um lugar de privilégios materiais e simbólicos ocupado por pessoas brancas em contextos sociais racialmente hierarquizados. A autora também argumenta que a branquitude se atualiza por meio de um pacto silencioso estabelecido entre brancos e voltado à manutenção de seus privilégios. Assim, assumindo-se o ser branco como modelar, naturalizam-se e projetam-se sobre o outro-negro ideias como as de incompletude, imperfeição, inacabamento, incapacidade, que concorrem para sua desumanização.

Os comentários selecionados nesta seção são majoritariamente vinculados a um fio de discussão lançado por um participante – cujo perfil é nomeado como “Conscientism Conscientismo” – que mantém firme posicionamento crítico em relação a como a série incorpora corpos negros em existências brancas. Esse usuário, em especial, foi o que mais se engajou na discussão e, em seus 13 comentários, teceu um fio argumentativo que confronta o viés celebrativo da presença negra conformada por

padrões vigentes. Na postagem a seguir, uma internauta reage a comentários anteriores que criticam a falta de verossimilhança da série em relação a fatos históricos.

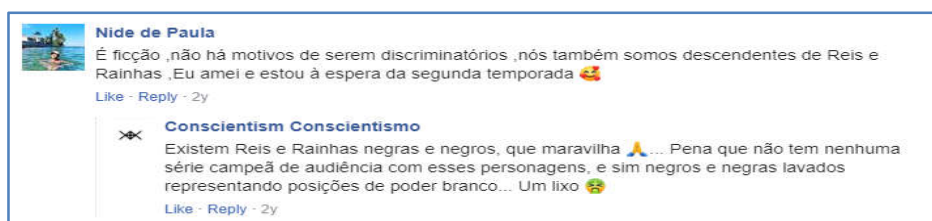
**Figura 9** - Interações das usuárias Sílvia Bailarina e Conscientism Conscientismo



**Fonte:** Portal Mundo Negro (<https://mundonegro.inf.br/>).

A “lavagem branca” à qual o usuário se refere pode ser interpretada como crítica à reterritorialização do corpo negro – sem memória, sem história, sem ancestralidade e sem cultura – em uma narrativa que reproduz padrões da branquitude, inscrevendo-os em corpos negros. Com base em Hall (2016), é possível entender que a entrada dos negros em produções filmicas pode alinhar-se a um modelo de “assimilação” de normas de conduta brancas, como aval para sua validação dentro deste espaço onde corpos brancos têm sua presença naturalizada. Há diferentes posicionamentos em relação a esse tópico nos comentários considerados neste estudo. Destaca-se, a seguir, uma postagem, seguida de resposta de outro internauta.

**Figura 10** - Interações das usuárias Nide de Paulo e Conscientism Conscientismo



**Fonte:** Portal Mundo Negro (<https://mundonegro.inf.br/>).

Nota-se, primeiramente, um dissenso entre os ideogramas. Enquanto a internauta utiliza um emoji que denota aceitação e sentimentos de amor, o internauta, em sua resposta, utiliza um emoji que conota rejeição visceral, antecedido pela expressão “Um lixo”. A expressão “negros e negras lavados representando posições de poder branco” é indicativa do alinhamento da presença negra aos padrões da branquitude, para assim agradar a um consumidor que pactua com esse mesmo ponto de vista e à indústria cinematográfica.

A autora Grada Kilomba (2019) menciona que, em estruturas racistas, há demarcação de espaços compartilhados socialmente: o corpo branco é constituído como próprio ou integrante natural, enquanto o negro é posicionado como impróprio ou como corpo “fora do lugar”. A crítica pode ser pensada tanto em relação à inserção

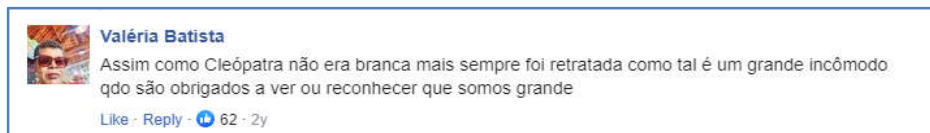
sem historicidade e sem contexto de corpos negros na série *Bridgerton*, quanto no que se refere a produções que expõem o “exótico mundo negro” (ARCHER-STRAW, 2000), nas quais esses “corpos impróprios” são consumidos, mas não estão em casa. Por meio do conceito de negrofilia, entende-se que o branco tem o privilégio de não ser racializado, enquanto o negro é algo a ser contemplado, analisado, dissecado e consumido, a partir de uma lógica “outra”, quer como consumo do outro “exótico”, quer como consumo do mesmo – uma história branca que ganha forma na atuação de um corpo negro.

A apreciação do “exótico mundo negro” serviria, pois, como base para a diversificação dos atributos de alteridade, utilizados para suprir uma demanda de “diversificação de informações”. Acerca dos atores e atrizes negros escalados para a série da Netflix, Camarim (2021, p.2) pondera: “por se passar na Inglaterra do século XIX, a escolha de um elenco diverso racialmente para interpretar nobres e monarcas é algo que se destaca, embora a crítica racial não seja explicitada na série”. A mesma autora afirma que,

ao colocar personagens negros nestes papéis e em um mundo ficcional em que conflitos e questões raciais são diminuídas ou ocultadas, a série reforça um problemático imaginário pós-racial, suprimindo a demanda contemporânea por diversidade, sem contanto indispor o grande público (Camarim, 2021, p. 2).

Assim, parece relevante problematizar a ausência de referências às desiguais condições vividas e às múltiplas formas de opressão impostas a pessoas negras, o que envolve também a escassez de imagens representativas de suas histórias, ancestralidades e memórias, estas que constituem e dão materialidade aos corpos e vidas negras. A postagem a seguir reforça esse sentido.

**Figura 11** - Interações da usuária Valéria Batista



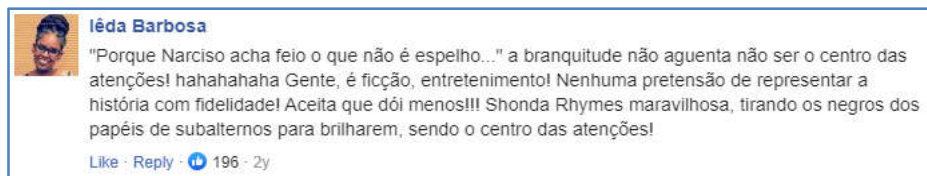
Fonte: Portal Mundo Negro (<https://mundonegro.inf.br/>).

Em entrevista à revista *Variety*, Regé-Jean Page fala sobre a construção de seu personagem na série *Bridgerton* e destaca: “Quando todo mundo ainda era passivo e agressivamente amarrado porque eu não tinha olhos azuis, os brasileiros estavam lá para mim”<sup>8</sup>. No livro que deu origem à série, o personagem Duque de Hastings é descrito com características fenotípicas de um homem branco. O ator salienta que seu personagem foi bem aceito pelo público brasileiro e observa: “Eu posso ser da realeza, negros podem se ver como parte da realeza. Posso ficar ali parado, usando bota e casaco, ocupando um espaço que é perfeitamente possível para mim. Isso muda a forma como se vê o mundo”<sup>9</sup>. É para a efetiva “ocupação de um espaço perfeitamente possível”

que algumas lutas negras são mobilizadas, ou seja, o corpo negro pode e deve ocupar todos os espaços. Contudo, para que isso se torne possível, a visibilização dos racismos parece ser ação estratégica nas lutas antirracistas.

Na postagem a seguir, a internauta faz menção ao olhar narcísico que orienta também as produções cinematográficas.

**Figura 12** - Interação da usuária lêda Barbosa



**Fonte:** Portal Mundo Negro (<https://mundonegro.inf.br/>).

O estabelecimento de um lugar do negro como reflexo do espelho da branquitude atualiza-se em produções de nosso tempo mediante a colonização da imagem e do imaginário audiovisual. Na postagem em destaque, a internauta utiliza a figura alegórica de Narciso para indicar que as reações de outros internautas seriam, de certa maneira, racistas. Nos seus termos, a estratégia de escalar atores negros para produções como *Bridgerton* produziria outros possíveis enquadramentos, retirando personagens negros do lugar de subalternidade. Entretanto, também é importante notar que é “porque Narciso acha feio o que não é espelho” que, sob o prisma mercadológico, histórias negras não vendem e não importam. Assim, imagens de controle no “espelho” da branquitude não são apenas fantasias narcisistas, mas formas de regulação das possibilidades de devir negro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas discussões conduzidas no presente texto acerca dos processos de representação, consumo e controle da imagem do negro na produção cultural *Bridgerton*, levam-se em conta as reverberações produzidas em segmentos do público da série na materialidade das postagens feitas em reação a uma única matéria jornalística. Entende-se que os posicionamentos dos internautas não são meramente expressões de individualidade, e sim construções que se articulam a representações culturais propagadas há décadas em diferentes mídias, bem como nos contextos vivenciais e cotidianos das pessoas, nos quais se ensina sobre lugares sociais, sobre características de determinados grupos, sobre formas de vida.

A escolha de analisar comentários de internautas em matéria publicada em um portal de notícias sensível às causas antirracistas e dedicado à promoção de imagens positivas do ser negro mostrou-se oportuna neste estudo. Tal escolha possibilitou indicar que, mesmo em ambientes regulados que congregam internautas alinhados a um pensamento antirracista, há distintas maneiras de representar e de atribuir sentido às práticas culturais. Com esse viés, a análise mostrou que há posições que parecem mais informadas por discursos celebrativos da diversidade, nos quais se afirmam liberdades e positivities da presença negra, porém sem grandes tensionamentos

quanto às relações de poder e ao sequestro dos espaços midiáticos pela branquitude. Há, também, posicionamentos que advogam pela luta antirracista, o que implica a problematização dos privilégios da branquitude, e que reclamam da escassez de produções com personagens e tramas narrativas negras para diversificar as paisagens, as histórias, as memórias, as visualidades, as epistemologias produzidas na (e pela) mídia. Esse tensionamento quanto ao modo de inserção de personagens negros alcança também as formas de regulação no (e pelo) consumo.

É, pois, no jogo da representação e do consumo que se exerce o poder de definir quais imagens contam, quais narrativas são válidas e merecem ser propagadas. É também no interior desses jogos de poder que se promove o consumo do outro – negro, reposicionado à imagem da mesmidade branca ou na exaltação de seu suposto exotismo. As histórias, memórias e corpos negros são intencionalmente apresentados, regulados e consumidos, em um movimento que colabora para a diversificação de imagens, mensagens, tramas e cenários narrativos, mas sem que ocorram, na maioria dos casos, aberturas para a crítica ao silenciamento histórico, aos privilégios da branquitude, ao racismo ou às desigualdades estruturais de nossas sociedades contemporâneas.

Artigo recebido em: 30/06/2023

Aprovado para publicação em: 25/07/2024

---

BLACK NOBILITY IN 'BRIDGERTON': NEGROPHILIA AND CONTROLLING IMAGES IN A NETFLIX PRODUCTION

**ABSTRACT:** 'Bridgerton', a cultural production launched by Netflix in 2020, cast black actors in noble roles, thus establishing a kind of ambivalent representation that mobilizes and divides internet users opinions. Considering that, the main objective of this article is to discuss some forms of controlling and consuming the image of the black by taking as empirical materiality a set of comments made by Internet users and posted on Mundo Negro news portal, a virtual place where antiracist agendas are presented. The methodology involves the cultural analysis of 70 comments, corresponding to the total of existing posts below a journalistic article about the 'Bridgerton' series. Grounded on concepts such as representation (Hall, 2016), controlling images (Collins, 2016) and negrophilia (Archer-Straw, 2000), the discussion has enabled us to understand how internet users react to the positions created for black characters in the series.

**KEYWORDS:** Media; Cultural Consumption; Negrophilia; Controlling Images.

---

SILVA, R. F. da; BONIN, I. A.

## NOBLEZA NEGRA EN BRIDGERTON: NEGROFILIA Y IMÁGENES DE CONTROL EN UNA PRODUCCIÓN DE NETFLIX

**RESUMEN:** La producción cultural *Bridgerton*, lanzada por Netflix en 2020, colocó en su elenco actores negros en papeles nobles, constituyendo una especie de representación ambivalente que moviliza y divide las opiniones de los internautas. Ante ello, el objetivo principal de este artículo es discutir algunas formas de control y consumo del negro, tomando como materialidad empírica un conjunto de comentarios realizados por internautas y publicados en el portal de noticias Mundo Negro, lugar virtual donde se movilizan agendas antirracistas. La metodología involucra el análisis cultural de 70 comentarios, correspondientes a la totalidad de las publicaciones existentes debajo de un artículo periodístico sobre la serie *Bridgerton*. La discusión se basa en conceptos como representación (Hall, 2016), imágenes de control (Collins, 2016) y negrofilia (Archer-Straw, 2000) y permite comprender cómo reaccionan los internautas a las posiciones construidas para los personajes negros de la serie.

**PALABRAS CLAVE:** Medios de Comunicación; Consumo Cultural; Negrofilia; Imágenes de Control.

---

### NOTAS

1 - No original: "The TV series immediately was hailed as 'the perfect cup of tea' to get us through the darkest moments of the COVID19 pandemic" (Taddeo, 2023, p. 3).

2 - Entre as indicações, estão as categorias Melhor Série de Drama e Melhor Ator para Regé-Jean Page.

3 - Disponível em <https://mundonegro.inf.br/Bridgerton-serie-de-epoca-com-negros-em-papel-de-nobres-bate-recordes-de-audiencia/>, acesso em 10 de março de 2023.

4 - Disponível em <https://mundonegro.inf.br/Bridgerton-serie-de-epoca-com-negros-em-papel-de-nobres-bate-recordes-de-audiencia/>, acesso em 10 de março de 2023.

5 - Nos anos 1980 e 1990, conforme Hall (2016, p. 189), os negros ingressaram no *mainstream* do cinema estadunidense como produtores independentes, a exemplo de Spike Lee, Julie Dash e John Singleton, pautando representações e novos modos de significar a presença negra na história norte-americana.

6 - Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/quem-somos/>. Acesso em: 07.05.2023.

7 - Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/quem-somos/>. Acesso em: 07.05.2023.

8 - Matéria jornalística disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/05/4927237-rege-jean-page-de-Bridgerton-elogia-brasileiros-estavam-la-para-mim.html>. Acesso em 23.06.2023.

9 - Matéria jornalística disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/05/4927237-rege-jean-page-de-Bridgerton-elogia-brasileiros-estavam-la-para-mim.html>. Acesso em 23.06.2023.

---

### REFERÊNCIAS

ARCHER-STRAW, P. **Negrophilia: avant-Garde Paris and Black Culture in the 1920s**. New York: Thames & Hudson, 2000.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 25-57, 2014.

CAMARIM, B. Reimaginando um passado pós-racial: representação negra em *Bridgerton*. **Entretenimento audiovisual multiplataforma**, São Paulo, p. 1-15. set/2021.  
COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 99-127, 2016.

COSTA, M. V. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos Professores do início do século XXI. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 37, p. 129-152, maio/ago. 2010.

DAVIES-EVITT, D. A segunda temporada de *Bridgerton* quebra seu próprio recorde como a série em inglês mais assistida na Netflix. **Tatler**. 21 de abril de 2022.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma «analítica» da midiatização. **MATRIZES**, v. 1, n. 2, p. 89-105, 2008.

GIROUX, H. **Atos impuros**. A prática política dos estudos culturais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Apicuri, 2016.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RECUERO, R. **A conversação em rede: a comunicação mediada pelo computador e as redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROCHA, E.; ALVES, L. **Publicidade online: o poder das mídias e redes sociais**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 20, n. 3/4, p. 221-230, mar./abr. 2010

SANTOS, O. Branquitude e negrofília: o consumo do outro na educação para as relações étnico-raciais. **Perspectiva**, v. 37, n. 3, p. 939-957, 2019.

SILVEIRA, R. M. H.; BONIN, I. T.; RIPOLL, D. Ensinando sobre a diferença na literatura para crianças: paratextos, discurso científico e discurso multicultural. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 43, p. 97-114, jan./abr. 2010.



SILVA, R. F. da; BONIN, I. A.

TADDEO, J. A. The *Bridgerton* effect: Introduction to a Special Issue on Netflix's TV series. **Journal of Popular Television**, V. 11, Volume 11 Number 1 p. 3 - 6, April 2023.  
Disponível em: [https://doi.org/10.1386/jptv\\_00089\\_2](https://doi.org/10.1386/jptv_00089_2). Acesso em: 1 jun. 2023.

WILLIAMS, R. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

---

HENRIQUE FERREIRA DA SILVA: Mestre em Educação na Universidade Luterana do Brasil, linha de pesquisa: Pedagogias e Políticas da Diferença; Graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Luterana do Brasil.  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2079-4693>  
E-mail: [henriquerreiras@gmail.com](mailto:henriquerreiras@gmail.com)

---

IARA TATIANA BONIN: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7156-8849>  
E-mail: [itbonin@gmail.com](mailto:itbonin@gmail.com)

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).